

PEDAGOGIA DA TRADUÇÃO

Patrícia Cardinale Dalarosa

Resumo: Pedagogia em meio à vida: travessia de mistérios, de fruições, de raridades, de experimentações e de pesquisas do inefável, bem como dos modos de sentir-pensar em processos de dispersão-criação-ordenamento vivíveis. Trata-se de uma pedagogia da tradução. Seu espírito cria regiões estrangeiras ao intelecto, regiões artistadas que expandem, sugam, contraem, condensam, dispersam e invertem posições de afecto, na liberação de forças vitais ao ato de traduzir códigos, sensações, conceitos, vidas humanas e não humanas.

Palavras-chave: Pedagogia; Tradução; Leitura-escrita; Pensamento

Introdução

Na dimensão conceitualmente genérica, a pedagogia diz respeito a procedimentos (estudados e empiricamente desenvolvidos) através dos quais propõem-se modos de pensamento no extenso plano da Educação, envolvendo processos do aprender e do ensinar. Seu conteúdo é estabelecido por meio de suas atualizações, em ordenamentos curriculares formais e informais.

As pedagogias, como corpos, comunicam e repetem verdades entre si; vivem histórias humanas, mundanas e não humanas. Algumas, tomadas de um espírito criacionista, estabelecem relações objetais entre sujeito-criador e sujeito-criatura, quando o conhecimento é sagrado e concerne ao mundo das essências, do transcendente. Outras, tributárias de um certo lamarkismo, atribuem à suposta realidade externa um papel decisivo na formação do sujeito inteligente-racional e, por conseguinte, propõem níveis de aprendizagens a serem percorridos: do mais simples ao mais complexo, conforme o plano de desenvolvimento e de evolução cognitiva. Poderíamos seguir pelo universo das pedagogias inatistas, aprioristas e interacionistas, todas pautadas na estreita relação sujeito-objeto. Há, além destas, um tipo de pedagogia que combate o credenciamento de funções identitárias, busca dinamitar a noção de sujeito-unicidade e propõe a invenção de fugas para regiões desconhecidas. São pedagogias que se diferenciam epistemologicamente. Corpos inicialmente dinamizados por efetuações do

pensamento, situados em zoneamentos conceituais distintos, mas que tratam o ato de conhecer como ato de aprender. Alimentam-se de forças divergentes e constituem modos de pensar e de sentir a vida conforme o espírito que anima a cada uma delas (arte, música, medicina, sócio-ambiental...). Estabelecem procedimentos diversos para ler, escrever, desenhar, ouvir, falar, interpretar, criar e resolver situações. Há prolongamentos e intensivos que conectam partículas de pensamento entre os corpos pedagógicos de uma determinada tipologia; mas, ainda assim, seus corpos apenas coexistem e não são reduzíveis ao Mesmo.

Para uma pedagogia em estado de conexão com o pensamento da diferença, toda a crença platônica de homogeneidade é, antes de tudo, uma tentativa de acalmar o espírito, de formatação dos sentidos, de estratificação da vida para controlar, dominar, ordenar e domesticar o selvagem: um modo de humanizar. Portanto, em meio à maquinaria da semelhança, é necessário encontrar (criar) sentidos estranhos para tocar e viver uma única diferença ou mesmo um corpo avesso ao sistema das representações. É preciso cuidado para não desperdiçar um vestígio insignificante, um reverso biográfico que não seja preciso, acidentalmente vazado por uma falha. E uma falha, aqui, significa o possível inesperado daquilo que se atualiza. A falha existe na efetuação de algo novo, na realização de um começo revertido, cujo início não esteja colocado na origem, mas na morte e na reverberação de signos outros. Viável no instante do não civilizado, a falha sensibiliza e libera um espírito distante dos genéricos.

Assim, uma pedagogia da tradução é conectada ao ritmo cardíaco de obras inacabadas e falhadas em meio à vida: em meio a regiões que expandem, contemplam, sugam, contraem, condensam, dispersam e invertem posições de afecto, na liberação de novas textualidades. Intensivamente, exige conexões improváveis no vazamento de sentidos, imagens, dialetos, fantasias e outros imaginários.

Metodologia

Trata-se de uma metodologia posta em cena desde um modo molecular possível de pesquisar. É desalojada de um contínuo de procedimentos pré-fixados, mas responsável por uma prática inventiva de sentidos, de afecções, de conceitos e de relações. Compreende um modo de intervenção investigativa nas formas de aprender e, como tal, prevê a modalidade de oficinas como possibilidade da pesquisa realizada por seus participantes. Refere, assim, um plano de trabalho organizado em tempos, espaços

e propostas específicas a cada encontro. Todavia, seu dinamismo é imanente ao tempo intensivo da realização de seus encontros, passível de alterações a qualquer instante

Resultados e discussão

Para o espírito de uma pedagogia da tradução, o pensamento já ordenado e textualmente declarado traz, na sua própria condição do não pensado, expressa matéria de tradução. Nesse sentido, o ler-escrever diz respeito a uma composição do pensamento tradutório: ação transversal entre os possíveis da matéria, nem vertical, nem horizontal, mas produtora de novas expressões. Tomar a leitura-escrita como expressão e forma de pensamento sugere que o ato de aprender algo, qualquer coisa, diz respeito a um exercício de tradução. Todavia, há de se perguntar: ensina-se a traduzir? Como acontece um processo de leitura-escrita, enquanto pensamento, no contexto da tradução? Através do texto algo se expressa, algo se inscreve *no* mundo e *com* o mundo. Que algo é este? Como este algo se organiza e encontra o seu procedimento?

À pedagogia da tradução, também interessa a constituição dos meios, ou melhor, das condições necessárias ao ato de traduzir/aprender/criar formas de resistência à mesmidade. Uma forma de expressão é algo inventado no mundo, que serve à determinada necessidade de efetuação. Assim, colocamos em jogo a invenção de novas formas, uma vez que podemos escrever através das artes, da ciência e da filosofia: três planos deleuzianos do pensamento para os quais a expressão só acontece através de sua necessidade, porque algo da vida é capaz de perturbar a estagnação.

Tomar o texto traduzido como um corpo vivo, atravessado por sentidos e por sensações, é fazê-lo viver e escrever a história do mundo, fazê-lo aberto aos vazamentos biografemáticos que contaminam e reinventam o vivido. É falar *com* os textos que o precedem e procedem, senti-los, inventá-los e torná-los nossos contemporâneos, parceiros de travessias em meio à vida. Porém, tal efeito não ocorre sem a produção simultânea do texto co-imaginado, do intensivo tradutório que conserva vibrações e reverbera sensações.

Numa espécie de mística da invenção, o ato de ler-escrever é colocado como ato de tradução, para o qual a forma do agenciamento tradutório produzirá um modo de aprender, um modo de pensar.

A tradução é, assim, artistada na transgeracionalidade do espírito criador, o qual trabalha na liberação de corpos sensíveis. Sua pedagogia é ligada ao selvagem quando

resiste a forças molares, abre passagem a objetos inacabados e efetua contaminações. O cérebro-espírito de uma pedagogia da tradução, portanto, olha o mundo através das sensações, vive e transita por entre cenários diversos de pensamento. Para ele, um bom começo está no acontecimento de um problema.

Nesse sentido, o texto é produzido na tradução. Traduzir as marcas de uma guerra, por exemplo, é ser atingido por sua violência, é explorar aquele acontecimento por meio das sensações que foram conservadas através dos tempos: significa viver uma cena de batalhas, atravessá-la e produzir a história no presente. Deste modo, a pedagogia da tradução disponibiliza objetos de encontro, objetos que possam ser sentidos e não apenas reconhecidos. O encontro, aqui, refere o movimento de tornar-se algo em devir, com a história que se produz. Entrar e sair de cenários diversos na inimaginável pele de guerreiros ancestrais, de animais, de árvores, de exploradores, de loucos, navegadores, inventores, poetas, filósofos, oceanos... Enfim, uma possibilidade de circulação por entre mundos impessoais do pensamento através do encontro, quando há o nascimento da sensibilidade. Todavia, tal como nos alerta Deleuze, é preciso criar condições diversas do ideal de reconhecimento, uma vez que a simples dúvida ou a não identificação de algo (estranho à memória) em nada força o pensamento a ler-escrever se este, por sua vez, exercita apenas o esforço do reconhecimento.

Poderíamos dizer que algo do mundo se expressa através dos signos, mas que o que nos interessa na pedagogia da tradução não está no expresso em si, porém no modo através do qual o expresso encontra sua leitura-escrita no mundo.

A tradução intensiva, como exercício imaginativo, está na abertura. Ela produz intensidades que se distribuem para além do deslocamento físico. Como em Deleuze (2001), na letra V de viagem, podemos experimentar todo o tipo de vida sem, necessariamente, qualquer movimentação física: “As intensidades se distribuem no espaço ou em outros sistemas que não precisam ser espaços externos (...) quando leio um livro que acho bonito ou quando ouço uma música que acho bonita, tenho a sensação de passar por emoções que nenhuma viagem me permitiu conhecer.”

Em meio à vida, a pedagogia da tradução propõe aberturas para o escoamento de cenas da infância, mas da infância do mundo, como refere Deleuze. Cenas não estratificadas pela memória e passíveis de serem vividas e escritas no tempo presente. Todavia, como escrever no tempo presente implica a afirmação de uma vida, não se saberá o quanto desta vida é possível escrever, traduzir, fora do plano transcendental que criamos em nossos aprisionamentos mundanos e formas de expressão. Posto assim,

os resultados do trabalho não são passíveis de mensuração; mas o processo, este sim, demanda o exercício cartográfico da mudança de posições afectivas, bem como a possibilidade de tornar sensíveis as forças insensíveis.

Conclusão

À pedagogia da tradução, interessa a produção de histórias nunca vistas ou escutadas, de biológicas não exploradas ou de geografias não descobertas. Interessa uma escrita que transcenda a identificação dos objetos conhecidos. Uma pedagogia produzida na transversalização. Disparadora de conceitos acerca daquilo que se possa escutar, cheirar, olhar, tocar, sentir, deformar.

Referências:

- _____. *O prazer do texto*. (Trad. J. Guinsburg). São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.
- _____. (Org.). *Fantasia de escritura: filosofia, educação, literatura*. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. (Trad. Peter Pál Pelbart). Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.
- _____. *Diferença e repetição*. (Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado). Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. *Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. (Trad. Luiz Orlandi). São Paulo: Editora 34, 2001.
- _____. *L' ABÉCÉDAIRE de Gilles Deleuze*. Entrevista com Gilles Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério de Educação, "TV Escola", 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997. 1 videocassete, VHS, cor.
- _____. *Lógica do sentido*. (Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes). São Paulo: Editora Perspectiva, 2000
- _____. *Proust e os signos*. (Trad. Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- _____. *O que é a filosofia?* (Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz). Rio de Janeiro: Editora 34, 1997b. 2ª Edição.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. (Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich) São Paulo: Perspectiva, 2010.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. (Trad. e notas de Tomaz Tadeu). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.